

# Educação e progresso

2 ABR 1991

Enquanto o governo brasileiro não adotar uma ampla e corajosa política de qualificação profissional, com a finalidade de elevar o nível de nossos recursos humanos nos setores agrícola, industrial e de serviços, dificilmente o País conseguirá aumentar a competitividade de sua economia e conquistar parcelas significativas do comércio internacional. Os investimentos maciços em desenvolvimento tecnológico e em infra-estrutura são importantes para a retomada do crescimento econômico, não há dúvida, mas como o nível médio de escolaridade dos trabalhadores brasileiros é muito baixo eles não estão hoje preparados para assumir tarefas mais complexas e operar equipamentos mais sofisticados.

Esta advertência foi feita pelo sociólogo e educador João Baptista Araújo e Oliveira, atual executivo da área de treinamento da Organização Internacional do Trabalho, sediada em Genebra, e um dos mais respeitados especialistas em qualificação profissional em todo o mundo. Falando recentemente num seminário sobre "Educação Básica e Produtividade", promovido pelo Sindicato da Indústria de Construção Civil do Rio de Janeiro, ele foi claro: por causa da omissão dos últimos governos em matéria de melhoria do nível médio de nossos recursos humanos, cada vez mais o Brasil se distancia do mundo desenvolvido, aproximando-se velozmente dos países da África e ficando à frente, na América Latina e no Caribe, somente do Haiti e da Guatemala.

"O Brasil possui um desenvolvimento industrial invejável. No entanto, o passo realmente necessário para a entrada do País na era tecnológica não será dado sem que haja, antes, uma sólida educação básica e profissionalizante" — afirmou o sociólogo João Baptista Araújo e Oliveira, que também acaba de assumir a responsabilidade pela formulação de um so-

fisticado projeto de política educacional a ser oportunamente oferecido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP ao governo federal. Dividido em três grupos de trabalho, um destinado a fazer um diagnóstico completo da atual situação de nosso ensino básico, outro voltado ao estudo de técnicas pedagógicas e um terceiro empenhado em discutir os problemas educacionais numa perspectiva teórica, esse projeto tem por objetivo convencer as autoridades de Brasília da necessidade de reformularem e modernizarem sua visão de nossos problemas educacionais.

"No Brasil ainda se usa muito o termo alfabetizar, o que reflete um entendimento já superado do processo de formação dos recursos humanos" — disse, em sua palestra no Rio de Janeiro, o técnico da OIT. Desperdiçando recursos em estéreis programas de alfabetização de adultos, nossos governos têm sido incapazes de oferecer uma educação básica e profissionalizante em conformidade com as necessidades e com o contexto social de quem realmente precisa de um mínimo de qualificação para se integrar na economia formal. Daí, a seu ver, a necessidade de um programa educacional mais realista, com o apoio da iniciativa privada, conjugando formação básica e qualificação profissional.

Sem essa conjugação, concluiu o especialista da OIT, não há "motivação" no processo de aprendizagem — e é por isso que os planos de alfabetização do governo federal, além de demagógicos, têm sido um estrondoso fracasso.

Repetindo o que temos dito nestas colunas, Araújo e Oliveira mandou ao atual governo um recado objetivo: se não agir o quanto antes nesse sentido, quando as condições para a retomada do crescimento econômico estiverem maduras, não haverá recursos humanos preparados para operá-lo.